

B A G D A D E

Bagdade

Utopia pelo turismo

*O riquíssimo e único
património simbólico
e arqueológico
que pode oferecer
aos seus visitantes
é garante de que em breve,
desde que a verdadeira paz
se instale,
o Iraque poderá contar
com a presença de milhões
de turistas,
que com as suas divisas
irão contribuir
para o desenvolvimento
e bem-estar do sofredor
povo iraquiano.*

Francisco Moura
Geotour (Turismo religioso)

Em Outubro de 2000, tive o privilégio de ter visitado o Iraque a convite do Ministério de Turismo Iraquiano, por ocasião de um Congresso Internacional de Turismo, e que tinha por objectivo a promoção do Iraque enquanto destino turístico.

À parte das peripécias por que passei, logo no primeiro jantar conheci o Ministro do Turismo, pois era portador de uma missiva, do então Encarregado de Negócios do Iraque em Lisboa. Na curta troca de impressões, perguntou-me qual era a minha expectativa daquela visita ao seu País. Ficou espantado quando lhe respondi, que considerava esta viagem, como um regresso às minhas origens, e disse-lhe que nomes como: Ur, Babilónia e Ninive, faziam parte integrante da génese da nossa civilização ocidental, e portanto também faziam parte da minha identidade.

Foi com idêntica consciencialização de que tal património era pertença de todos, que milhões de pessoas em todos os quadrantes do planeta, ficaram estupefactos aquando da destruição do Museu de Bagdade, da Biblioteca Nacional do Iraque e também do edifício da Escola dos Estudos Islâmicos, perante a inconcebível passividade dos militares americanos que ali representavam a Nação mais poderosa do Mundo e que se arvorava em portadora e guardiã dos mais nobres valores da nossa civilização.

O Mundo revoltou-se perante o triste espectáculo a que assistiu, onde grupos de desesperados assaltavam e

pillhavam o Museu de Bagdade, destruindo e roubando peças de arte, que continham a chave da decifração do nosso Mundo. O museu continha o maior número de testemunhos materiais das antigas culturas que foram o nosso berço civilizacional. Entre os muitos milhares de peças e documentos, encontravam-se obras de arte de valor incalculável, como era o caso de algumas preciosidades sumérias com cerca de 4000 anos, onde se destacavam: várias placas de gesso oriundas de Ur, (tratava-se de um dos primeiros escritos do Mundo); a “harpa de ouro”, a “deusa arcaica”, (encontrada nas escavações de El Obeid), a “tela de terracota, datada da segunda metade do terceiro milénio antes de Cristo, a fabulosa “Cabeça de bronze”, encontrava em Ninive, que se acredita ser pertença de um rei acádio; e de um Capacete de Ouro datado de cerca de 2 500 a.C.

Como neste nosso mundo consumista só as desgraças têm direito a notícia, valha-nos ao menos o facto de se ter feito uma extraordinária publicidade do Museu, o que jamais aconteceria sem esta desgraça. Nunca se terá escrito tanto sobre um museu como nesta ocasião. Entre nós, no meio de outras vozes registei o grito de revolta do nosso poeta Manuel Alegre, com a criação do belo poema “A segunda morte de Gilgamesh”.

O mínimo que podemos esperar é que nenhuma dessas peças, jamais possam vir a enriquecer a colecção de outros museus, nomeadamente, o Museu da Universidade de Filadélfia, que tem vários documentos sumérios inéditos, entre eles uma placa que nos fala do Dilúvio, da barca e do Noé sumérios, ou do Museu Britânico que se orgulha de ter um magnífico painel, conhecido por “Estandarte de Ur”, e que contém cenas da vida suméria, tendo numa face descrita a Guerra e na outra a Paz.

Como agente de viagens, tenho direito à utopia, (não fossemos nós conhecidos como “vendedores de sonhos”), assim alimento a esperança de que as autoridades americanas consciencializadas de que foram cúmplices, porque permitiram a lapidação de tão rico património, possam vir a ter um gesto magnânimo, de forma a atenuar os efeitos do “saque da vergonha” e devolvam à sua terra de origem, algumas das relíquias que enriquecem alguns dos seus museus.

Apesar da insegurança que ainda se vive no Iraque, começam a surgir os primeiros sinais que em breve a abertura do País ao Turismo será uma realidade. A Companhia Real Holandesa de Aviação, acaba de anunciar a partir de 1 de Setembro uma operação de 4 frequências semanais, ligando a Europa ao Iraque, pondo fim a mais de 13 anos de isolamento, tempo que decorreu desde a Guerra do Golfo até aos nossos dias.

Também no passado dia 2 de Julho fomos surpreendidos pela positiva com a notícia da reabertura temporária do Museu de Bagdade, para apresentação de uma rara colecção de jóias assírias com 3000 anos e que se julgavam perdidas, mas que afinal se encontravam guardadas no Banco Central Iraquiano desde a Guerra do Golfo.

Há seguramente milhões de pessoas em todo o Mundo, que apenas aguardam a possibilidade de visitar o Iraque e de poderem sentir a “alma”, de míticos locais que fazem parte da nossa memória colectiva como são os casos de: Ninive, Babilónia, Ur e Hatra (único local arqueológico reconhecido pela UNESCO como Património Mundial.)

A Indústria do Turismo que é por muitos considerada como a principal indústria do Mundo, pode e deve ter um papel fundamental, na reconstrução do Iraque moderno. O riquíssimo e único património simbólico e arqueológico que pode oferecer aos seus visitantes é garante de que em breve, desde que a verdadeira paz se instale, o Iraque poderá contar com a presença de milhões de turistas, que com as suas divisas irão contribuir para o desenvolvimento e bem-estar do sofrido povo iraquiano.